

A paz: um ponto de vista psicanalítico¹

Ney Marinho²

RESUMO O autor chama a atenção para a dificuldade de se discutir a questão da paz na literatura psicanalítica. Retoma a correspondência Einstein/Freud. Frisa a falta de desenvolvimento deste importante diálogo, o qual relaciona com o embrutecimento mental da Guerra Fria. Enfatiza a contribuição de Lucchesi – A Cultura da Paz –, que supera a crítica do pacifismo, segundo a qual este seria um projeto utópico. Propõe não ser possível separar a tríade: luta contra o belicismo, o racismo e a desigualdade, uma vez que considera que esta tríade é inseparável e se realimenta. Lembra que a psicanálise tem uma importante contribuição a dar por, concordando com Jacques Derrida, ser a única atividade cultural própria a lidar com o “mal pelo mal”, sem apelos metafísicos. A paz não é uma utopia, é um desafio: um convite à aventura de uma nova forma de vida.

PALAVRAS-CHAVE Paz; Einstein; Freud; Lucchesi; psicanálise; aventura

“o homem é um tipo de macaco muito inteligente. Pode fazer muitas coisas e muitos truques. Pode até fazer a bomba atômica. E talvez fazer psicanálise. Mas ninguém pode dizer que ele seja sábio o suficiente para saber usar o átomo ou a psicanálise.”

(Wilfred Ruprecht Bion, em entrevista ao jornal O Globo, em 1973, em uma de suas quatro visitas ao Brasil)

“O mundo do homem feliz é diferente daquele do homem infeliz.”

(Ludwig Wittgenstein)

1. Palestra proferida na aula inaugural do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ em 6 de agosto de 2021.

2. Psiquiatra, psicanalista, Diretor do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Doutor em Filosofia – PUC-Rio.

Ah, a paz! Ao contrário do que muitos possam pensar, a paz não é um tema que desperte grandes emoções e seja tão atraente. A bibliografia psicanalítica a respeito é pobre. Dentre os primeiros psicanalistas – aqueles que acorreram a Viena para conhecer o que tinha a dizer Sigmund Freud –, contudo, muitos eram pacifistas militantes, sendo que as mulheres eram sufragistas (luta pelo direito ao voto feminino!) além de pacifistas; outros eram radicais em seu pacifismo, como John Rickman – primeiro analista de W. R. Bion – que, por ser *quaker*³ de família, só admitiu servir ao exército britânico, na primeira guerra mundial, como médico. Por outro lado, a psicanálise contém em seu DNA o gene do pacifismo (Freud, 1933[1932]/1996).

Mas, antes de formular *um* ponto de vista psicanalítico, é necessária uma breve resenha histórica, a fim de que possamos situar todos os presentes no contexto em que foi escolhido este tema para nossa aula inaugural, logo a primeira deste programa de acesso ampliado à formação psicanalítica, a todos sem exclusões, e, por uma *coincidência* do destino, na data em que se lamenta o lançamento da primeira bomba atômica em uma guerra, sobre Hiroshima, provocando 80.000 mortes imediatas, inúmeras posteriores e graves consequências para gerações futuras. Crime semelhante ocorreu três dias após – 9 de agosto – com o lançamento da segunda bomba – muito mais potente – sobre Nagasaki, com 40.000 mortes imediatas (número menor do que o previsto, devido às características do terreno, que teria morros que protegiam certas áreas). Em 14 de agosto de 1945, o governo do Japão aceita a rendição incondicional. Assim, os crimes se autojustificam e fica estabelecida a *paz* dos vencedores.

Uma breve resenha histórica do diálogo Einstein / Freud

É compreensível que muitos não conheçam a história deste importante diálogo entre dois dos maiores pensadores do século XX: Einstein e Freud. A Liga das Nações, entidade criada em 1920 logo após a primeira guerra mundial (a “Grande Guerra”), precursora da ONU, estabeleceu um programa de diálogo entre reconhecidos literatos, pesquisadores em várias áreas e cientistas que escolheriam livremente seus interlocutores, assim como o tema do debate. Deste

3. Nota do revisor: *quaker* (quacre, em português): nome dado ao membro de um grupo protestante, denominado “Sociedade de Amigos”, que não tem cerimônias formais ou um sistema formal de crenças e se opõe fortemente à violência e à guerra.

modo, em 1931, Albert Einstein foi escolhido pela Liga para realizar, se não me engano, o primeiro debate. Seu interlocutor escolhido foi Sigmund Freud e o tema: *Por que a Guerra?*

Hoje sabemos que a preocupação de Einstein se prendia ao fato de ser iminente a construção da bomba atômica – dados os processos de fissão nuclear em desenvolvimento, inclusive, a partir de suas teorias – por alguma das nações potencialmente beligerantes. A guerra ainda não estava declarada, mas o desastrado Tratado de Versalhes e a campanha de desmoralização da Liga das Nações, da mesma forma que o estímulo à continuação do conflito – em parte pelo surgimento da União Soviética ao final da guerra –, levavam a um novo e mais devastador conflito.

Desemprego, crise financeira internacional, acirramento da luta de classes, desequilíbrio do antigo arranjo interestatal europeu, em suma: nada sugeria um momento de paz. Houve, é verdade, a proposta do Ministro das Relações Exteriores de Lenin (Letvinoff), da recém-criada União Soviética, de um desarmamento geral para evitar um novo confronto. Proposta ignorada, exceto por alguns intelectuais jovens mundo afora⁴. Mesmo os vitoriosos, contudo, ávidos de novas conquistas – como o petróleo do atual Azerbaijão –, não estavam muito interessados em dar uma trégua, receosos de que a Alemanha se rearmasse e a União Soviética superasse a guerra civil que enfrentava e se tornasse um importante jogador no xadrez internacional, como de fato ocorreu.

Neste clima bélico, juntavam-se as preocupações de físicos como Einstein, Bohr, Fermi, Heisenberg, dentre outros, que sabiam que a nação que primeiro construísse a bomba teria uma incalculável vantagem sobre as demais⁵. Daí a escolha de Einstein pelo tema da guerra – como o mais premente – para discutir com o interlocutor que julgava o mais competente para esclarecer o porquê das frequentes e estéreis guerras, sendo que a próxima poderia, a seu ver, acabar com a breve aventura humana. O grande físico escolhe então

4. Aqui no Brasil, há o registro curioso da carta de um então jovem “livre pensador” – antigo termo utilizado para aqueles sem compromisso com alguma ideologia definida e, em especial, sem uma religião – Maurício de Medeiros, médico, escritor, psiquiatra e mais tarde membro da ABL. Esta carta de apoio, que na época não obteve resposta, dadas às dificuldades de comunicação, veio a ter importantes consequências para o remetente, anos mais tarde. Ver: Medeiros, M. (1931). *Rússia*. Rio de Janeiro: Calvino Filho.

5. Ver: Frayn, M. (1998). *Copenhague*. Esta peça mostra ficcionalmente um encontro que na realidade existiu, em 1941, entre Niels Bohr (Prêmio Nobel em 1922, dinamarquês) e Werner Heisenberg (Prêmio Nobel em 1932, alemão, que trabalhava no projeto nuclear da Alemanha de construção de uma bomba, durante o nazismo).

aquele que considera o maior conhecedor da alma humana e capaz de dar conta de tanta irracionalidade!

A escolha de Freud nos parece ter também outras motivações⁶. A carta de Einstein é breve, mas incisiva, dominada por uma questão básica: por que pessoas, jovens em particular, se prestariam a sacrificar suas vidas em favor de *uma minoria que lucra sempre* com as guerras e sua esteira de destrutividade? Ele mesmo oferece uma possível resposta: deve haver no ser humano uma propensão à agressividade que o atrai para a guerra. A resposta de Freud é mais longa, concorda fundamentalmente com a propensão à agressividade, sugerida por Einstein, lembrando-lhe que há mais de 10 anos havia formulado a teoria da existência de uma *pulsão de morte* – tendência à volta ao inanimado –, juntamente com a já descrita *pulsão de vida* – tendência à criatividade e à formação de conjuntos mentais mais complexos. Evidentemente, ambos os textos trazem questões de extrema complexidade que merecem um estudo aprofundado – como nos pede o filósofo e *amigo da psicanálise*, Jacques Derrida. Por que tal estudo nunca foi realizado, sempre adiado, e, em alguns lugares, como a Alemanha nazista, proibida a circulação desta correspondência, é um dos motivos desta nossa aula inaugural. Vamos, brevemente, oferecer um ponto de vista psicanalítico, mais para estimular o debate com nosso público e o ilustre convidado de hoje.

Um ponto de vista psicanalítico sobre a guerra e a paz

Embora seja verdade que a bibliografia psicanalítica sobre a guerra e a paz, principalmente a última, é pobre, como já dissemos, há exceções que merecem ser citadas. Hannah Segal (1967) escreveu e fez conferências – nem sempre bem recebidas (chegaram a sugerir que as fizesse fora do recinto dos congressos, por não se tratar de tema psicanalítico!) – contra as armas nucleares, durante o auge da guerra fria.

A obra de Bion é toda povoada por lembranças e referências à sua terrível experiência na primeira guerra mundial, assim como na segunda. Tudo isto o levou a escrever a famosa trilogia *Uma memória do futuro* (1975/1989),

6. Ver: Seksik, L. (2019). *O caso Eduard Einstein*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Um excelente estudo/ romance sobre o filho esquizofrênico de Einstein que muito admirava Freud, mas que não teve a oportunidade de ter com ele contato. Este livro contém preciosas informações sobre a forte perseguição que Einstein sofreu nos Estados Unidos por sua firme atitude pacifista e antirracista.

obra póstuma que encontrou grande resistência para ser publicada, uma vez que alguns editores temiam que comprometesse seu justo sucesso como autor psicanalítico, ou seja: poderia ser considerada uma obra – toda com um pano de fundo de uma invasão militar, com personagens os mais estranhos e mesmo bizarros, com a presença inquietante do pensamento psicanalítico aberto aos mais diversos desenvolvimentos – de uma mente... demenciada. Felizmente, nosso editor brasileiro – Jaime Salomão – a editou em inglês, pela Imago, e hoje é um sucesso de crítica, embora ainda não seja de público.

De fato, a guerra, principalmente a cotidiana, é quase insuportável de ser reconhecida, embora a leiamos no noticiário do dia a dia, nos horrorizemos, mas rapidamente passamos para outras notícias e a relegamos ao *esquecimento sistemático* – algo diferente do recalque, não tendo sequer seu aspecto estruturante, apenas o empobrecedor da vida mental. Bion (1970/2006), que estamos tomando como referência, sugere que a psicanálise se volte também para uma análise do consciente. Talvez, esse cotidiano *ignorar* mereça um estudo psicanalítico mais detido. Mas, no momento, por que frisamos este ponto? Nosso intuito é *chamar a atenção* para a presença da guerra em nosso dia a dia. Filhos da guerra fria, minha geração sabe que uma nova guerra mundial só ocorrerá por um acidente – daí a importância também de um desarmamento –, mas não por uma decisão política, dado o notável equilíbrio de forças destrutivas que as atuais grandes potências estabeleceram.

As guerras localizadas, contudo, continuam (*algumas crônicas*), da mesma forma que o assassinato sistemático de nossas populações economicamente excluídas – principalmente, em nosso país, afrodescendentes e retirantes –, de mulheres e crianças (lembremo-nos dos meninos de Belford Roxo), de jovens (lembremo-nos de Paraisópolis), da desigualdade que mata – corpo e alma – ou dos embargos, como contra os nossos irmãos cubanos, condenados por mais de 20 vezes pela ONU, e utilizados para asfixiar um povo que ousou escolher seu próprio destino, tudo isto às custas da violência das armas. Sem estas, não se iludam, não haveria a crueldade do racismo estrutural que vivemos há tantos anos; sem a violência policial que invade comunidades pobres, não haveria a submissão a que são condenados os excluídos de quase tudo que uma das 10 – chegou a ser a sexta, no governo Lula – maiores economias do mundo tem a oferecer a menos de 10% de sua população. Em suma: belicismo, racismo e desigualdade formam uma tríade que se retroalimenta e mantém nosso povo submisso ou entregue a esperanças messiânicas difundidas por falsos pastores de almas, que fazem parte, em última instância, daquela minoria que Einstein apontava: so-

mente lucrar com a submissão dos jovens aos seus projetos belicosos, ou, como estamos apontando, a uma submissão humilhante, a uma guerra cotidiana.

Mas, é natural que se pergunte: qual a contribuição que a psicanálise tem a dar ante este quadro sombrio, que poderia ficar mais ainda, caso juntássemos as estatísticas de feminicídios (segundo lugar no mundo) ou de população LGBTQIA+ (um dos primeiros lugares no mundo), mas basta o que já foi dito. A resposta mais inteligente seria: não sei. Outra que me parece mais humilde e sincera seria utilizarmos para *pensar* o pouco que sabemos a respeito. Recordemos a epígrafe de Bion, pois nossa capacidade de reflexão é muito recente e limitada, o que a torna preciosa. Listemos nossas conjecturas:

1 – As guerras são incompetentes para alcançar a *paz*, pelo menos a que nos interessa enquanto psicanalistas, algo que propicie a *cultura da paz*, feliz expressão de nosso convidado de hoje. As guerras podem – quando muito – estabelecer tréguas, muitas vezes prelúdios de novas e mais violentas guerras; estimular sempre a cultura do ódio e do ressentimento. Vinte anos de guerras ao terror custaram 8 trilhões de dólares e 920.000 vidas, segundo pesquisa da Brown University (Watson Institute, 2021).

2 – Não vemos possibilidade de estabelecer vínculos sociais e pessoais – desde as relações internacionais às afetivas, como é o caso das amorosas – entre *desiguais*, ou seja, entre vencedores e vencidos não há fraternidade, apenas submissão. Nas relações mais íntimas, contudo, isto talvez fique mais evidente, uma vez que nestas supostamente não haveria interesses em conflito, pelo contrário (Marinho, 2017).

3 – Os movimentos pacifistas foram tratados tradicionalmente como *casos de polícia*, sofrendo intensa repressão e sendo associados aos movimentos anarquistas, socialistas e comunistas. Há casos emblemáticos de perseguição, como o já citado de Einstein, mas talvez o mais ilustrativo seja de Oppenheimer, que foi encarregado do Projeto Manhattan, para criar a bomba atômica norte-americana, e após a guerra e dramas de consciência, tornou-se pacifista e sofreu forte perseguição política, acusado de “traição e comunismo”.

Tudo isto e mais uma releitura de Bion – *Psiquiatria em tempos de crise* (2000) e da própria trilogia *Uma memória do futuro* (1975/1989) –, acrescida da recente leitura de *Cultura da paz*, de Marco Lucchesi (2020), me faz pensar que há de fato uma lógica ou *um método na loucura do belicismo*. A paz é uma ameaça ao *establishment*. Temas como o racismo, o feminicídio, a desigualdade, a homofobia e outros tantos que alimentam as páginas de nossos jornais – antes reservados às internas e mais discretas – perderiam o sentido, em prejuízo, en-

tretanto, da minoria que Einstein tão enfaticamente salientou e que mesmo um presidente norte-americano denunciou – o complexo industrial militar –, que se alimenta deste *estado de coisas*. Por outro lado, a paz, aí devemos remetermos-nos à segunda epígrafe (a de Wittgenstein), não se trata de uma utopia (termo que, de boa ou má fé, se utiliza quando se quer afastar uma proposta radical), mas de outra *forma de vida*, sobre a qual talvez nada podemos dizer, apenas aceitar a aventura de vivê-la.

Ou, voltando à nossa tríade: só haverá uma real fraternidade entre iguais. Porém, não pretendo chegar a uma resposta; acho mais condizente, com a frase de Blanchot que André Green – outro grande pensador da psicanálise – ensinou a Bion: *La réponse est le malheur de la question* (que Bion traduziu como: a resposta é a doença da pergunta), deixar a questão em aberto para a conversa que se seguirá, com o poeta Marco Lucchesi, com a curiosidade de nossos novos e queridos alunos, com a experiência dos veteranos de muitas lutas pela paz, pela igualdade e a fraternidade, várias perdidas, mas sempre capazes de nos fazer sonhar que vale a pena viver esta aventura humana e não desistir...

Peace: a psychoanalytical point of view

ABSTRACT *The author calls our attention to the difficulties of debating the question of peace in the psychoanalytical literature. He invokes Einstein/Freud correspondence. He emphasizes the lack of development of this important dialogue relating to the cold war mental brutalizing. He points out Lucchesi's contribution through his book – Peace Culture – in order to overcome the criticism of pacifism as a utopian project. The author suggests the impossibility of separating the fight against bellicose from racism and inequality, considering it as a triad which feeds back. He reminds us in agreement with Jacques Derrida that psychoanalysis is the unique cultural activity able to deal with the question of "evil for evil" without metaphysical arguments. Peace is not utopia but it is a challenge and an invitation to the adventure of a new form of life.*

KEYWORDS *Peace; Einstein; Freud; Lucchesi; psychoanalysis; adventure*

La paz: un punto de vista psicoanalítico

RESUMEN *El autor llama la atención sobre la dificultad de discutir el tema de la paz en la literatura psicoanalítica. Reanuda la correspondencia Einstein / Freud. Destaca la falta de desarrollo de este importante diálogo, que relaciona con la brutalización mental de la guerra fría. Destaca el aporte de Lucchesi - La Cultura de la Paz -, que supera las críticas al pacifismo, según el cual este sería un proyecto utópico. Propone que no es posible separar la tríada: lucha contra el belicismo, el racismo y la desigualdad, ya que considera que esta tríada se*

Ney Marinho

retroalimenta a sí misma. Recordemos que el psicoanálisis tiene un aporte importante que hacer porque, de acuerdo con Jacques Derrida, es la única actividad cultural para lidiar con “el mal por el mal”, sin apelaciones metafísicas. La paz no es una utopía, es un desafío: una invitación a la aventura de una nueva forma de vida.

PALABRAS-CLAVE Paz; Einstein; Freud; Lucchesi; psicoanálisis; aventura

Referências

- Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro* (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1975).
- Bion, W. R. (2000). Psiquiatria em tempos de crise. In: W. R. Bion, *Cogitações* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1970).
- Freud, S. (1996). Por que a guerra? In: S. Freud, *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 22, pp. 189-208). Rio de Janeiro: Imago. (Original escrito em 1932 e publicado em 1933).
- Lucchesi, M. (2020). *Cultura da paz*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- Marinho, N. (2017). A paz, nossa neurose dos domingos. *Trieb*, ed. esp: 357-365.
- Segal, H. (1967). Silence is the real crime. *International Review of Psycho-Analysis*, 14(3).
- Watson Institute (2021). *Teaching costs of war*. Providence, EUA: Brown University. Recuperado a partir de <https://watson.brown.edu/costsofwar/>

Recebido: 09/09/2021

Aceito: 02/11/2021

Ney Marinho

Rua Sergio Porto, 153 - Gávea.

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22451-430

(21) 2294-4686

neymarinho@globo.com